



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o encontro com participantes do Fórum Social Mundial 2009: painel “América Latina e o Desafio da Crise Internacional”

Belém-Pará, 29 de janeiro de 2009

Querido companheiro Evo Morales, presidente da Bolívia,
Querido companheiro Rafael Correa, presidente do Equador,
Querido companheiro Fernando Lugo, presidente do Paraguai,
Querido companheiro Chávez, presidente da Venezuela,
Querida companheira Ana Júlia, governadora do estado do Pará,
Companheiros e companheiras ministros aqui presentes,
Companheiro Cândido Grzybowski, diretor geral do Ibase e coordenador desta mesa de debates da sociedade e dos presidentes,
Companheiros representantes dos povos indígenas do Brasil e da América Latina,
Companheiros estudantes,
Mulheres aqui presentes,

Eu queria, sobretudo, dar os parabéns aos delegados que vieram de outras regiões do mundo participar deste Fórum Social.

Queria dizer a vocês da minha alegria de poder estar participando mais uma vez. Aqui poderiam estar outros presidentes da América Latina e da América do Sul. Eu sei que outros foram convidados, mas por razões de compromissos assumidos não puderam vir, como a companheira Cristina, presidente da Argentina, como a companheira Michelle Bachelet, como o companheiro Tabaré, do Uruguai, e tantos outros. Mas cá viemos nós para falar pouco. Cândido, você controle o tempo direitinho. Hoje o Chávez bateu o recorde de menos tempo que ele falou em seis anos que eu o conheço.



Possivelmente, em respeito a vocês, possivelmente porque ele está com sono e tem que voltar para a Venezuela, e possivelmente porque ele sabe que eu já tenho mais de 60 anos e na terceira idade, depois das 11h, que é o meu relógio biológico, eu estou com sono.

Primeiro, eu tinha um discurso por escrito, mas deixei ele ali na mesa porque eu também vou falar pouco. Queria começar dizendo para vocês que guardem esta fotografia, porque hoje a gente pode até reclamar dos presidentes que nós temos, mas a verdade é que há pouco tempo, na América Latina, os que ousavam não concordar com os presidentes, com o regime, eram perseguidos, torturados e mortos em muitos países da América Latina. O que nós conquistamos nesses últimos anos foi, na verdade, resultado da morte de muita gente que, muito jovem, resolveu pegar em armas para derrubar os regimes autoritários, no Chile, na Argentina, no Uruguai, no Brasil e em quase todos os países. Morreram, e nós estamos fazendo parte daquilo que eles sonhavam fazer. E conquistamos esse direito pelas vias democráticas. Cada um de nós disputou uma eleição. Eu perdi quatro para chegar a ser presidente. Chávez, enquanto coronel do Exército venezuelano, tentou encurtar a forma de chegar ao poder. Juntou um grupo de amigos e tentou chegar ao poder. Não conseguiu, foi derrotado, foi preso e, pouco tempo depois, em 1998 e 2000, Chávez virou presidente da República.

O mundo mudou tanto que a gente pode dizer que era impossível imaginar que um bispo da igreja católica pudesse derrotar a dinastia de 60 anos dos partidos conservadores do Paraguai. Era quase impossível pensar que um jovem economista pudesse chegar à República do Equador como presidente, porque há pouco tempo, a cada 9 meses, trocava um presidente no Equador. Era impossível pensar que um índio, com a cara de índio, com o jeito de índio, chegasse à Presidência da Bolívia. Aqui, no Brasil, era impossível imaginar que um torneiro mecânico pudesse chegar à Presidência da República.



Mas as coisas não param por aqui. Era impossível imaginar – e eu duvido que algum teórico conseguiu escrever –, num país que há 40 anos matou Luther King, que um negro virasse presidente da República dos Estados Unidos da América do Norte. Isso significa que as coisas vão mudando. E não mudam com a rapidez que a gente quer, mudam com a rapidez do tempo e da paciência que a gente tem para construir aquilo que nós precisamos construir.

Inegavelmente, houve um avanço extraordinário na nossa América Latina. Inegavelmente. Esse moço aqui, com dois anos de mandato, foi vítima de um golpe. O Evo Morales, vira e mexe, as pessoas tentam atazanar a vida dele. E nós, com todas as divergências que temos entre nós, sabemos que é melhor a gente resolver as nossas divergências e o povo continuar elegendo gente comprometida, do que permitir que um companheiro desses possa perder o mandato por irresponsabilidade da elite de cada país e, muitas vezes, da má compreensão do papel da elite e de setores da imprensa, que muitas vezes criticam de forma exagerada e irresponsável as coisas que se fala e as coisas que se diz.

Eu tenho dito para todos eles: paciência. A palavra-chave é a gente ter paciência para construir as coisas que nós temos que construir. Aqui no Brasil, Chávez, em 2005 fizeram uma campanha contra mim, pior do que a campanha que faziam contra você na Venezuela. Eu vi e vivi a campanha que se fazia contra o Chávez. Eu nunca imaginei que no Brasil pudessem fazer igual. E, em 2005, eu fui vítima da mesma campanha.

O que essa gente não percebeu é que hoje o povo mais humilde da América Latina, os índios da Bolívia, os índios do Equador, os índios brasileiros, os seringueiros, os trabalhadores da Venezuela, do Paraguai, as pessoas aprenderam a não ter mais intermediário para escolher os seus dirigentes. As pessoas votam diretamente e escolhem aqueles em que elas confiam.



Bem, eu vivi aqui no meu país os anos duros dos anos 80, em que era proibido fazer greve, em que era proibido protestar. Vivi os anos duros da dívida externa, em que o Fundo Monetário Internacional sabia dar palpite todo santo dia nos países pobres. Vivi os tempos duros em que o Banco Mundial via solução para todos os nossos problemas. Vivi os tempos duros em que o mundo desenvolvido vivia a dizer o que nós tínhamos que fazer na América Latina. Parecia que eles eram os infalíveis e que nós éramos incompetentes.

Agora está provado, Leonardo Boff, que Deus escreve certo por linhas tortas. Agora a crise não é nossa, é deles. A crise não nasceu por causa do socialismo bolivariano do Chávez; a crise não nasceu por causa das brigas do Evo ou da eleição de Lugo. A briga [crise] nasceu porque durante os anos 80 e os anos 90, ao estabelecerem a lógica do Consenso de Washington, eles venderam a lógica de que o Estado não prestava para nada, de que o Estado não podia nada e que o “deus mercado” é que iria desenvolver os países, é que iria fazer justiça social. Esse “deus mercado” quebrou. Quebrou por irresponsabilidade, quebrou por falta de controle, quebrou por causa da especulação.

Eu cansei de perguntar para o Chávez por que o petróleo saiu de US\$ 30 e foi para US\$ 150. Cansei de perguntar para o presidente da Petrobras. Era difícil responder e, muitas vezes, a gente culpava a China. Na verdade não era a China, na verdade não era o Chávez que queria aumentar o preço ou a Petrobras. A verdade é que tinha uma coisa chamada especulação via mercado futuro, que elevava o preço do barril ao preço que eles queriam, e nós, o povo do mundo, pagava o preço mais danoso possível. Nos Estados Unidos chegaram a inventar um tal de crédito, em que o povo comprava uma casa por US\$ 200 mil, se a casa valorizasse, ele poderia tomar a diferença entre a casa e a valorização, emprestado, porque era preciso aumentar o consumo. De repente, a casa não valia aquilo que eles diziam que valia, e aí bancos importantes...



Eu cansei de ir a Londres, cansei de ir a Nova Iorque fazer debates com *yuppies* de 25 ou 30 anos, jovens banqueiros, que diziam para mim: “O Brasil tem que fazer isso, o Brasil tem que fazer aquilo”. Nunca tinham colocado os pés no Brasil, não sabiam onde ficava a América do Sul, mas davam palpite todo santo dia.

Agora, eu espero que o FMI diga ao nosso querido Obama como ele tem que consertar os Estados Unidos; diga à Alemanha como ela tem que consertar sua crise; diga ao Sarkozy; diga ao Berlusconi; diga aos países ricos como eles vão consertar a crise que eles criaram. As crises dos anos 80 e dos anos 90 nos obrigavam a fazer ajuste fiscal, nos obrigavam a cortar gastos, nos obrigavam a mandar trabalhadores embora, nos obrigavam a dizer que o Estado deveria permitir que a iniciativa privada governasse no lugar dos governantes.

Agora, quando eles entraram em crise, qual foi o deus a que eles pediram socorro? Ao Estado. Foi exatamente o Estado que não prestava, que está colocando bilhões de dólares, bilhões de euros para tentar recuperar a economia. Em poucas semanas, trilhões e trilhões de dólares desapareceram do mercado. Banqueiro que dava palpite sobre o Brasil todo santo dia, sobre o Equador, sobre a Venezuela, sobre o Paraguai, o Uruguai, a Argentina... Esses banqueiros que medem o risco do nosso país, que dizem se a gente está bem ou está mal, fecharam a boca, porque eles quebraram por pura especulação.

Tem gente que está reclamando da crise. Eu acho que a crise é mais grave e nós não conhecemos o fundo dela ainda. Não conhecemos. Hoje os países em desenvolvimento estão em melhores condições de sair da crise do que os países ricos. Tentei, durante todo o ano passado, negociar a Rodada de Doha na OMC, para ver se a gente permitia que os produtos dos países mais pobres chegassem ao mercado dos países mais ricos. Mas eles são implacáveis e não quiseram negociar.



Eu posso dizer para vocês que pouco tempo atrás eu liguei para o presidente Bush, e falei: Bush, qual é a biografia que você quer quando você deixar o governo? É a guerra do Iraque? Ou você quer fazer o acordo da Rodada de Doha? O Brasil não precisa ganhar nada, os ricos não precisam ganhar, mas os pobres precisavam ganhar, sobretudo o continente africano, que não pode continuar sendo o continente miserável, no século XXI, que foi no século XIX. Aí eu falei: Bush, por que você não coloca na sua biografia a Rodada de Doha? Porque tinha uma pequena divergência com a Índia, não colocou. Então, ele saiu do governo com a biografia da guerra do Iraque, a biografia do não-acordo comercial e a biografia da pior crise econômica que o mundo está vivendo. Simplesmente porque essas pessoas não têm sensibilidade.

O mundo não pode eleger mais presidentes que não atendem ao movimento social, que não conversam com o movimento sindical, que não conversam com os índios, que não conversam com as mulheres, ou seja, é preciso que as pessoas se disponham a conversar, porque neste momento a crise, para nós, é uma oportunidade para a gente construir algo diferente, para a gente discutir o mercado financeiro, que não pode estar descolado do setor produtivo, para a gente discutir a política de desenvolvimento no nosso país, para a gente discutir política de transferência de renda.

Vocês sabem que aqui no Brasil a Petrobras descobriu muito petróleo. E pelo fato de ela ter descoberto muito petróleo, nós não queremos que a Petrobras vire uma grande exportadora de petróleo apenas, nós queremos que uma parte desse petróleo resolva o problema da pobreza e o problema da educação neste país, para que a gente possa viver melhor e com mais dignidade.

No Fórum de 2003 disse o Chávez: a palavra de ordem é “um outro mundo é possível”. A palavra de ordem hoje é: já não é mais possível; é necessário e imprescindível que a gente discuta uma nova ordem econômica,



que a gente discuta no G-20, no dia 2 de abril, em Londres, um controle do mercado financeiro. Eles não podem fazer das finanças de uma nação apenas a especulação. É preciso que os bancos estejam vinculados à produção agrícola, à produção industrial, à produção intelectual, à produção cultural dos países, não apenas especular, como especulam.

Por isso, companheiros Chávez, Rafael, Evo e Lugo, eu penso que nós temos uma chance extraordinária. Possivelmente ninguém tenha a saída, possivelmente não esteja na nossa cabeça a totalidade da saída do problema. Eu sei que cada um de vocês está fazendo, dentro dos seus países, o que precisa ser feito, o que pode ser feito. O dado concreto é que a crise, que não começou no nosso país, vai chegar no nosso país. Ela vai chegar, e já está chegando, porque as exportações estão caindo.

A China, que crescia a 13% ao ano, talvez cresça 5% ou 6% este ano. A Índia está tendo problema. Nos Estados Unidos já tem recessão, na Europa já tem recessão. Aqui, graças a Deus, nós ainda não temos recessão, nós temos uma retração do crescimento. Se na crise passada a gente tinha que fazer ajuste fiscal, nesta crise agora o Estado tem que assumir a responsabilidade pelos investimentos. É hora de investir, é hora de construir, é hora de colocar dinheiro no setor produtivo.

Aqui no Brasil nós vamos anunciar, nos próximos dias, a construção de mais 500 mil casas em 2009 e mais 500 mil casas em 2010. E vocês, do Movimento Moradia, vão ser chamados para discutir conosco essas novas casas, porque estamos devendo um pouco as primeiras.

Bem, uma outra coisa importante. Decidimos essa semana: a Petrobras vai investir, até 2013, US\$ 174 bilhões. E não pode atrasar, porque nós precisamos de empregos, porque nós queremos empregos, e porque é o emprego, na pior das hipóteses, que vai melhorar a vida da sociedade brasileira.



Essa crise é uma oportunidade para a gente devolver, não com arrogância, não com petulância, mas para a gente devolver àqueles que pensavam que sabiam mais do que nós como é que eles devem se comportar para lidar com o povo que está ficando desempregado. Porque antes, e até agora, eles só deram dinheiro para banqueiro: são 800 bilhões para salvar banco não sei onde, são 900 bilhões para salvar não sei onde, são 100 bilhões... Até agora, só cuidaram dos banqueiros. Eu tenho dito, e quero repetir. Aqui, neste país, posso dizer para vocês: o povo pobre não será o pagador desta crise, não vai ter a sua vida piorada por conta da irresponsabilidade dos banqueiros.

Nós temos muita coisa para fazer. Nós estamos aqui, todos os companheiros, temos divergências. Mas é melhor ter divergências e sentar em torno de uma mesa e resolver as divergências do que aquele tipo de governo que parecia que estava tudo bem e era um enganando o outro. Agora, é o jogo da verdade. Lugo sabe que tem divergências com o Brasil. Eu reconheço que nós temos divergências, mas nós nos respeitamos para sentar a uma mesa e encontrar uma solução que atenda aos interesses dos dois povos.

Evo Morales, quando nacionalizou o gás – vocês estão lembrados –, tinha gente aqui no Brasil que me acusava de frouxo, que dizia que eu tinha que ser agressivo com o Evo, que eu tinha que brigar com o Evo. Tinha gente que falava: “O Lula não defende o Brasil”. Tem jeito de defender o Brasil, e eu jamais iria permitir que um metalúrgico de São Paulo fosse brigar com um índio boliviano. Jamais.

Aqueles que venderam a discórdia sabem hoje que a nossa relação com a Bolívia melhorou e melhorou muito, porque tem uma relação de confiança. Não é a relação de um país com poder imperial subordinando um país menor às suas pretensões. Nós tivemos divergência com Rafael Correa. Levantou a divergência, vamos resolvê-la em uma mesa de negociações, cada um respeitando a sua soberania, mas ao mesmo tempo a gente sabendo que a



gente pode chegar a um ponto comum. O Chávez, eu ando pelo mundo defendendo o Chávez, porque todo mundo é contra o Chávez. E eu quero dizer que eu tenho orgulho de ser o presidente da República que mantém, possivelmente, a melhor relação com a Venezuela que o Brasil já manteve: uma relação de confiança, respeitosa, de respeito à soberania da Venezuela e à soberania do Brasil.

Sobretudo, eu tenho consciência que dez anos atrás vocês não conseguiriam trazer um presidente da República ao Fórum. Tenho a convicção de que nenhum vinha, porque todos eles teriam medo de vir aqui e serem vaiados. Todos eles, mesmo olhando na cara do seu povo, sentiriam que vocês eram estranhos para eles. Aqui estamos nós para dizer para vocês: nós somos os presidentes, mas vocês é que dão a direção, com o movimento de vocês, para aquilo que a gente tem que fazer para a América Latina.

Um grande abraço e bom Fórum Social Mundial.

(\$211A)